

Eclesiologia da alteridade: o primado da missão *ad extra* como fundamento da Pastoral Urbana contemporânea

Kristoforus Muit¹

Resumo: Este artigo propõe uma Eclesiologia da Alteridade frente ao anacronismo das estruturas paroquiais urbanas. Fundamentada na Missio Dei e na *kénosis* de Cristo, a investigação sustenta teologicamente que a identidade eclesial é ontologicamente constituída pelo movimento *ad extra*. A alteridade transita da condição de mero objeto pastoral para a de fundamento teológico e *locus theologicus* da missão. Conclui-se que a renovação pastoral exige a superação da conservação institucional em favor de uma "cultura do encontro" e da hospitalidade no contexto metropolitano.

Palavras-chave: Eclesiologia. Alteridade. Missão. Pastoral Urbana. Diálogo.

88

1 Introdução

A paisagem urbana contemporânea configura-se como um ecossistema sociocultural dinâmico, marcado por fluxos velozes, fragmentação social e um pluralismo que desafia as estruturas eclesiais herdadas. O problema central da práxis eclesial hodierna reside no descompasso entre a paróquia convencional e a realidade metropolitana. Enquanto a cidade opera por redes e efemeridade, instâncias eclesiásticas ainda adotam a lógica da *Christianitas*, baseada na estabilidade territorial e na recepção passiva dos fiéis. Tal anacronismo alimenta uma eclesiologia de manutenção que reduz a Igreja a um gueto autorreferencial.

Frente a essa crise de relevância, o presente artigo sustenta que a Igreja não "detém" uma missão como atividade secundária, mas é a própria Missio Dei que a origina e constitui. A eclesiologia da alteridade argumenta que a essência eclesial só realiza sua vocação ontológica ao lançar-se ao encontro do exterior e do diverso. Longe do proselitismo, a alteridade – encarnada nos marginalizados – alça-se a fundamento constitutivo e *locus theologicus*. Inspirada na *kénosis* de Cristo, a Igreja descobre sua identidade no despojamento e no movimento de saída (*ad extra*).

O objetivo deste trabalho é desconstruir os pressupostos da pastoral de conservação e fundamentar teologicamente uma Pastoral Urbana de Presença e Diálogo. Pretende-se demonstrar que a evangelização contemporânea exige escuta, encarnação e hospitalidade ontológica, reconhecendo que os sinais divinos já atuam na alteridade urbana antes mesmo da ação institucional.

¹ Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2022). Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Teologia Sistemática-Pastoral na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Religioso, Presbítero e Missionário da Sociedade do Verbo Divino (SVD). ORCID: 0009-0001-7582-5176. E-mail: itomuit2000@gmail.com



2 A eclesiologia da alteridade: fundamentação teológica

A eclesiologia da alteridade fundamenta-se no mistério da Trindade, visto que o Deus cristão não é uma mônada isolada, mas uma Comunhão Trinitária cuja existência se realiza na doação mútua (*perichoresis*). Conforme o Decreto Ad Gentes (1965, n. 2), a Igreja é missionária por natureza, pois sua gênese remonta ao amor do Pai e às missões do Filho e do Espírito Santo. Esta abertura ao outro constitui uma exigência ontológica, uma vez que, segundo Zizioulas (1985, p. 15), a Igreja é ontologicamente missão por sua forma trinitária, representando um modo de ser relacional que não pode ser realizado como conquista individual, mas apenas como fato eclesial. Como *Icona Trinitatis*, a Igreja repele qualquer caráter estático, pois, na perspectiva de Bruno Forte (1992, p. 13-14), ela vem da Trindade, está estruturada à sua imagem e caminha em direção ao seu cumprimento histórico. Nesse sentido, o Papa Francisco (2013, n. 49) adverte que a autorreferencialidade adoece a instituição, sendo o sair de si a condição para a vitalidade comunitária. Na pastoral urbana, a Trindade reconhece o cidadão como sujeito pleno e portador de revelação, pois Deus já habita a cidade e suas *semina Verbi* estão presentes na metrópole (CELAM, 2007, n. 389, 533).

Paralelamente, a Encarnação representa a travessia radical de fronteiras em que a *kénosis* – o esvaziamento do Filho (Fl 2,7) – atua como chave hermenêutica da alteridade, manifestando a divindade como proexistência. Bonhoeffer (1980, p. 185) define Jesus como o homem para os outros, exigindo a renúncia ao triunfalismo e a assunção das alegrias, esperanças, tristezas e angústias do mundo contemporâneo, sobretudo dos mais pobres (Vaticano II, 1965, n. 1). Ao conceber a humanidade de Cristo como o sacramento original (*Ursakrament*), Schillebeeckx (1965, p. 15-16) indica que a santidade eclesial se mede pelo estilo de hospitalidade e coerência existencial, tal como salienta Christoph Theobald (*apud* Oliveira; Genolini, 2019, p. 90).

Por fim, a superação do narcisismo eclesial e do clericalismo (Papa Francisco, 2018) exige o resgate da Igreja como sacramento, sinal e instrumento da união com Deus e do gênero humano (Vaticano II, 1965, n. 1). Recordando o *mysterium lunae*, Lubac (2020, p. 35-65) reforça que a Igreja reflete a luz de Cristo sem possuí-la originariamente, enquanto Rahner (1964, p. 135-156) enfatiza a atuação da graça além dos limites institucionais. Assim, a hospitalidade ontológica reconhece a ação do Espírito na secularidade, consolidando a opção por uma Igreja acidentada por sair às ruas em vez de enferma pelo confinamento (Papa Francisco, 2013, n. 49).



3 O primado do movimento *ad extra* e a alteridade

A dinâmica teológica e eclesiológica contemporânea exige uma recompreensão fundamental da natureza da Igreja em sua relação com o mundo. Em vez de uma instituição voltada para a autopreservação ou para a manutenção de suas estruturas internas (*ad intra*), a eclesialidade autêntica se realiza na saída de si, no primado do movimento *ad extra* e no encontro radical com a alteridade. É no horizonte da missão urbana e da inserção na polis que a Igreja descobre sua verdadeira identidade.

A fundamentação da missão *ad extra* repousa sobre a profunda virada teológica expressa no conceito de *Missio Dei*: a missão não é, primariamente, uma atividade programática ou organizacional da Igreja, mas um atributo do próprio Ser de Deus. É a Missão de Deus que gera a Igreja, e não o contrário. Conforme pondera Vicedom (1996, p. 16), Deus é o único sujeito e proprietário da missão, cabendo à comunidade eclesial o papel de uma cooperação humilde e participante na ação divina já em curso na história.

Nesse horizonte, Bosch (2002, p. 22) reforça que o mundo é o palco por excelência da ação de Deus. Assim compreendida, a missão supera perigosos reducionismos – seja a fuga num devocionalismo intimista e alienado, seja a dissolução num puro horizontalismo ideológico –, pois responde com vigor às dores e angústias do seu tempo sem jamais perder a sua incontornável ancoragem transcendente. Como sintetizou com precisão Emil Brunner (1952, p. 108), "A Igreja existe pela missão, assim como o fogo existe pela combustão". Desprovida do impulso vital em direção ao Outro, a instituição estagna e padece; por essa razão, a atividade missionária se justifica como a sua tarefa suprema e fundamental (*Ad Gentes*, n. 29).

Nas complexas dinâmicas da metrópole contemporânea, a vida eclesial não se limita às fronteiras do templo. Sob a perspectiva da eclesiologia de Karl Rahner, a categoria do "Povo de Deus em Diáspora" traduz a inserção e a atuação dos cristãos na pluralidade das estruturas seculares. Assim, reafirma-se a vocação da Igreja para agir como uma "minorias criativa", engajada no diálogo transformador com a sociedade e a cultura urbanas.

Aprofundando essa perspectiva, Yves Congar destaca que o laicato cumpre plenamente a sua vocação batismal ao santificar as realidades temporais "por dentro", transformando o trabalho, a cultura e a política a partir dos valores evangélicos. Sob esta ótica, o templo deixa de operar como um centro centrípeto – que atrai e retém as pessoas para si – e passa a atuar como um polo centrífugo de bênção e envio para o mundo (Congar *apud* Pellitero, 1996, p. 156). Por sua vez, a paróquia se reconfigura como uma "comunidade de comunidades", na qual a "teologia da vizinhança"



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

estabelece laços e pontes concretas de cuidado solidário que antecedem e preparam o terreno para as próprias formulações dogmáticas (CELAM, 2007, n. 195).

Em uma eclesiologia verdadeiramente pautada por essa alteridade, o ato primordial e indispensável da missão não é a proclamação apressada, mas a escuta atenta. Antes de se arvorar a ensinar, a Igreja é chamada a aprender com a complexa e ruidosa realidade urbana. Paul Tillich adverte lucidamente que prescindir dessa atitude de escuta gera um profundo anacronismo, levando a teologia a oferecer respostas dogmáticas e pré-fabricadas a perguntas que a sociedade sequer formulou. Seu "método da correlação" exige, portanto, colocar continuamente em diálogo de mútua interpelativo as questões existenciais da cultura com as respostas de sentido da fé (Tillich *apud* Cunha, 2015, p. 287).

Essa postura existencial assume o que Johann Baptist Metz (2013) denomina "mística de olhos abertos" – uma espiritualidade que recusa a cegueira diante do sofrimento alheio e coloca a compaixão e os clamores dos vulneráveis da cidade no centro da reflexão, reconhecendo o mundo urbano como um autêntico *locus theologicus*.

4 Pastoral urbana e a cultura do encontro

A metrópole contemporânea manifesta-se sob a dupla imagem de Labirinto, caracterizada pelo anonimato e pela aceleração dos ritmos de vida, e de Ágora, marcada pelo pluralismo radical e pelo choque de visões de mundo. Zygmunt Bauman (2001, p. 7-9) conceitua essa dinâmica como expressão da "modernidade líquida", uma era definida pela volatilidade e pela fragilidade das estruturas sociais e dos vínculos interpessoais. Diante desse cenário, a ação pastoral não pode se pautar pela lamentação estéril do pluralismo, mas deve assumir o imperativo da Cultura do Encontro por meio de um diálogo corajoso e aberto.

Inspirando-se no conceito de "Átrio dos Gentios" resgatado por Bento XVI (2009, p. 4), a Igreja é chamada a construir pontes e criar espaços de interlocução viva com aqueles que buscam sentido para a existência fora dos quadros e das estruturas eclesiais tradicionais. Nessa postura dialógica, a comunidade crente assume a sua vocação de "comunidade de contraste" (Lohfink, 1986, p. 156): uma presença que oferece a acolhida personalizada contra a impessoalidade do anonimato urbano e a comunhão profunda contra as crescentes polarizações, atuando no tecido social essencialmente pela autoridade testemunhal da caridade (CELAM, 2007, n. 514-515).

Essa configuração urbana expõe com nitidez a dramática contradição da "solidão acompanhada". Embora as grandes cidades reúnam multidões em espaços de consumo e circulação, tais aglomerações não geram comunidade real, mas tendem a privatizar a existência e a confinar o indivíduo ao isolamento (Bauman, 2001, p. 114).



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

Como resposta a essa ferida existencial, a pastoral urbana precisa operar uma verdadeira terapêutica do vínculo. Isso exige que a paróquia supere a tentação da mera gestão burocrático-sacramental para assumir a postura mística e operacional de um "hospital de campanha". Conforme sintetiza Henri Nouwen (2020, p. 62), a missão eclesial consiste em transformar o simples "morar" físico na experiência do "habitar" humano, exercendo a hospitalidade incondicional como remédio fundamental para a dor da solidão.

Ademais, a vida na metrópole contemporânea já não se estrutura prioritariamente pelo critério geográfico tradicional, mas organiza-se em dinâmicas e fluidas redes de sentido – tais como os ambientes virtuais, o mundo do trabalho, as tribos urbanas e os grupos de interesse. Por essa razão, torna-se urgente efetuar a transição eclesiológica do paradigma rígido da "paróquia-território" para o modelo flexível da "paróquia-rede". O Documento de Aparecida ratifica essa virada ao afirmar que a estrutura paroquial deve reconfigurar-se como uma "rede de comunidades" (CELAM, 2007, n. 187), capaz de se articular organicamente na própria malha social. Em última análise, a visibilidade e a relevância eclesiais na cidade passam a depender diretamente da capilaridade do testemunho cristão nos diversos cenários da vida cotidiana.

92

5 Considerações finais

A relevância evangélica na metrópole contemporânea exige a superação de estruturas obsoletas e autorreferenciais. O modelo de conservação mostra-se incapaz de responder à aceleração e à fragmentação urbanas. A Eclesiologia da Alteridade surge como resposta ancorada na Trindade e na *kénosis* de Cristo. Ao assumir a Missio Dei e o primado do movimento *ad extra*, a Igreja compreende que sua essência reside no deslocamento em direção às periferias existenciais. O Outro passa a ser o próprio fundamento teológico do encontro com Deus. A renovação pastoral requer a consolidação de uma "Cultura do Encontro", pautada na escuta, na hospitalidade e na presença em redes, tornando a Igreja um sacramento vivo e profético no coração da cidade.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BENTO XVI, Papa. **Discurso à Cúria Romana**. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 21 dez. 2009.

BONHOEFFER, Dietrich. **Resistência e submissão**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Leopoldo: Sinodal, 1980.



BOSCH, David J. **Missão transformadora**: mudanças de paradigma na teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

BRUNNER, Emil. **The Misunderstanding of the Church**. London: Lutterworth Press, 1952.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Dogmática Lumen Gentium**: sobre a Igreja. Vaticano, 1964.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Pastoral Gaudium et Spes**: sobre a Igreja no mundo atual. Roma, 1965.

CONCÍLIO VATICANO II. **Decreto Ad Gentes**: sobre a atividade missionária da Igreja. Roma, 1965.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). **Documento de Aparecida**. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulus/Paulinas, 2007.

CUNHA, Carlos Alberto Motta. **O contributo do método da correlação de Paul Tillich à epistemologia da teologia pública no Brasil**. Tese (Doutorado) – FAJE, Belo Horizonte, 2015.

FORTE, Bruno. **La Iglesia, icono de la Trinidad**: breve eclesiología. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1992.

FRANCISCO, Papa. **Carta do Papa Francisco ao Povo de Deus**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 20 ago. 2018.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**. São Paulo: Paulus/Loyola/Paulinas, 2013.

LOHFINK, Gerhard. **La Iglesia que Jesús quería**: dimensión comunitaria de la fe cristiana. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1986.

LUBAC, Henri de. **Meditación sobre la Iglesia**. Madrid: Ediciones Encuentro, 2020.

METZ, Johann Baptist. **Mística de olhos abertos**. São Paulo: Paulus, 2014.

NOUWEN, Henri J. M. **O curador ferido**: Ministério na sociedade contemporânea. Petrópolis: Vozes, 2020.

OLIVEIRA, P. R. F.; GENOLINI, A. C. M. O cristianismo como estilo e Igreja em saída. **Fronteras**, v. 2, n. 2, p. 90-114, 2019.

PELLITERO, Ramiro. **La Teología del Laicado en la Obra de Yves Congar**. Pamplona: Universidad de Navarra, 1996.

RAHNER, Karl. O cristianismo e as religiões não-cristãs. In: RAHNER, Karl. **Escritos de teologia**. Madrid: Taurus, 1964. v. 5.



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

SCHILLEBEECKX, Edward. **Cristo, sacramento del encuentro con Dios**. San Sebastián: Ediciones Dinor, 1965.

VICEDOM, Georg. **Missão como obra de Deus**: Introdução à Teologia da Missão. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

ZIZIOULAS, John D. **Being as Communion**: Studies in Personhood and the Church. Crestwood, NY: St. Vladimir's Seminary Press, 1985.

